

# TÓPICO-COMENTÁRIO/TEMA-REMA: COMPARAÇÕES

Leandro Santos de Azevedo (UERJ/CAPES)  
[dr.macunaima@ig.com.br](mailto:dr.macunaima@ig.com.br)

## 1. *Introdução*

Este trabalho tem o propósito de fazer um levantamento dos principais pontos investigados por Rodolfo Ilari (1992) na abordagem da articulação tema-rema (ATR) e por Eunice Pontes (1987) na abordagem da estrutura tópico-comentário, comparando os dois trabalhos.

Para tanto, serão relevadas nas comparações tanto as semelhanças quanto às diferenças de abordagens desses trabalhos.

## 2. *Pontes*

As estruturas de tópico-comentário e tema-rema são fenômenos muito comuns da oralidade dos brasileiros. Dada a frequência com que aparecem na língua oral e, algumas vezes, na escrita, despertaram grande interesse de pesquisa em Eunice Pontes, no livro *O tópico no português do Brasil*, de 1987.

Nesse trabalho, encontramos a justificativa da autora para o seu estudo como uma forma de reflexão sobre os fenômenos que ocorrem na oralidade. A partir disso, ela discute as questões que envolvem a prática de ensino de professores de língua materna que discriminam as estruturas tópico-comentário, considerando-as “erradas” no que toca o uso corrente da língua.

Ao longo do trabalho, a autora chama-nos a atenção para sutis diferenças entre topicalização, deslocamento para a esquerda e anacoluto, diferentes fenômenos da estrutura tópico-comentário. De acordo com a sua teoria, topicalização é um processo que seleciona um constituinte da frase destacando-o à frente como tópico, sendo o restante o comentário. Além disso, a topicalização pode ser explicada sintaticamente. Na frase,

a) *O bolo eu não gostei.*

o constituinte “o bolo” foi destacado à frente como tópico, fazendo da sequência o seu comentário. Percebe-se nesse processo a omissão da preposição “de”, uso exigido pela prescrição gramatical refletida tanto

na regência verbal da língua escrita no Brasil, quanto nas variantes do português europeu (escrita ou falada), mas desprezada nesses tipos de construção. No mais, é importante ressaltar que o termo destacado mantém a sua função sintática de objeto indireto, ainda que se tenha rompido com a ordem normal da estrutura oracional da língua portuguesa: SVO (sujeito-verbo-objeto).

O deslocamento para a esquerda, por sua vez, assim como a topicalização, pode ser explicado sintaticamente. O que o difere da topicalização é o fato de naquele haver um pronome-cópia e neste não. Compare:

b) *O bolo eu não gostei.*

c) *O bolo, eu não gostei dele.*

Em b) há uma simples topicalização do objeto indireto; ao passo que em c) há um deslocamento para a esquerda, haja vista a presença do pronome-cópia “dele” que, além de repetir, “copiar” o constituinte destacado, atenta para as normas de regência verbal.

Além dessas diferenças, a autora nos chama a atenção para outro fato: a pausa. Pontes (1987) afirma que em topicalização, normalmente, não há pausa entre o que foi topicalizado e o resto da sentença. Porém, em sentenças em que haja deslocamento para a esquerda, é comum que apresentem pausas. Isso se dá, segundo ela, por causa da presença do pronome-cópia.

Ademais, há ainda outra diferença entre topicalização e deslocamento para a esquerda: a presença ou ausência de um duplo sujeito. As sentenças topicalizadas não apresentam duplo sujeito, já que o comentário não é completo. Nos exemplos b) e c) supracitados, observa-se esse processo. Em b), o comentário não está completo, apresentando, pois, só sujeito e verbo transitivo. Por outro lado, em c), o comentário mostra-se completo, haja vista a estrutura SVO. Isso se nos apresenta como um duplo sujeito, isto é, o constituinte deslocado para a esquerda e o sujeito presente no comentário da sentença são interpretados como um duplo preenchimento do espaço reservado aos termos que normalmente devem ficar à esquerda: o sujeito. Evidentemente, essa nomenclatura é equivocada, pois termos deslocados para a esquerda podem funcionar sintaticamente como qualquer termo da oração, como é o caso do exemplo dado em que o constituinte deslocado é objeto indireto.

Já os anacolutos são, para a autora, uma estrutura tópico- -comentário em que não há uma topicalização, ou seja, não há uma explicação sintática, formal para o caso, mas uma explicação contextual, discursiva. No período,

d) *Bafana Bafana, não aguento mais as vuvuzelas!*

não há uma explicação sintática para o termo *Bafana Bafana*. Só uma descrição precisa de todo o contexto conversacional para se conseguir uma explicação para o termo em evidência. Para a autora, em frases desse tipo,

(...) falta alguma coisa que ligue explicitamente o tópico ao resto da frase. Não é possível colocar nenhum pronome-cópia no lugar de onde o tópico foi retirado, pois não há esse lugar. A relação entre o tópico e o comentário que se segue é estabelecida pela simples colocação de um em seguida ao outro, pelo conhecimento de mundo, ou pelo o que foi dito anteriormente. (PONTES, 1987, p. 84)

Para a tradição, essas estruturas – topicalização, deslocamento para a esquerda e anacoluto – são encaradas como mau uso da língua, forçando-nos, falantes nativos do português, a desprezar nossas mais comuns manifestações linguísticas. Tudo o que fugir da estrutura SVO é mero recurso estilístico e, portanto, estigmatizado na linguagem formal do português.

Cabe ainda mencionar que, embora a autora tenha focado o seu trabalho em manifestações da língua oral, as estruturas de tópico-comentário também se evidenciam na língua escrita, citando, pois, Antônio Vieira: “O milagre viam-nos nos olhos do cego” (VIEIRA, *apud* PONTES, 1987, p. 53); Machado de Assis: “Os maus dá-me ímpetos de enforcá-los” (ASSIS, *apud* PONTES, 1987, p. 57); entre outros para exemplificar e provar que esses processos se mostram vivos na linguagem literária.

### 3. *Ilari*

Diferente do foco de pesquisa de Pontes (1987), que prestigia a língua oral, Rodolfo Ilari em seu livro intitulado “Perspectiva funcional da frase portuguesa”, de 1992, inicia o seu estudo com o foco na língua escrita. A fim de captar a atenção de seus estudos para ela, Ilari volta-se para a construção padrão através de uma preocupação com concordâncias, pontuações adequadas que marcam bem as inversões da sintaxe da oração. Assim, parece-nos que todo o trabalho se encaminhará para uma

análise dos registros formais da língua escrita, desprezando, pois, uma interpretação estilística da questão.

Contudo, embora dedique alguma parte do seu texto a questões de língua escrita, Ilari apontará para o estudo entonacional como a possibilidade mais decisiva de estudo da ATR. A partir daí, seu trabalho apresentará semelhanças com o de Eunice Pontes.

Para Ilari,

A linearidade das frases da língua não é incompatível com a possibilidade de analisá-las em vários níveis, e de aplicar-lhes critérios que dão origem a segmentações diferentes. Assim, na oração (1-1)<sup>96</sup>, a expressão inicial *o mecânico* pode legitimamente ser caracterizada: a) como sujeito da oração (o critério é a concordância com o verbo na terceira pessoa do singular); b) como expressão do agente (um critério possível é a paráfrase “O mecânico usou as ferramentas apropriadas para apertar os parafusos”) e c) como o tema sobre qual toda a oração versa (um critério é que a frase como um todo responde naturalmente às perguntas “O que houve com o mecânico?”, “O que fez o mecânico?”). (ILARI, 1992, p. 9)

Dessa forma, para o autor, não há de se confundir articulação gramatical (sujeito) com articulação nocional (agente), tampouco com articulação tema-remata – discurso/pragmático – (tema).

Segundo o autor, o objetivo do seu trabalho “(...) é o de levantar e organizar, no tocante ao português, os principais fatos referentes à articulação da frase em tema e remata (...) apontando os principais problemas teóricos envolvidos em sua análise.” (*Id., ibid.*, p. 10). Para tanto, o autor percorreu algumas teorias, dentre as quais o “sujeito psicológico”, de Herman Paul; tema [mensagem dada, velha] e remata [nova informação], de Halliday; e *topic e focus*, da Escola Linguística de Praga (anos 1960).

Depois de uma explanação teórica, Ilari procura um teste operacional que, aplicado a orações, possa dar sua segmentação em tema e remata. A partir da aplicação do teste, ele levanta os principais recursos expressivos, categorizando-os; mostra a relevância da articulação tema-remata, apontando os principais casos de interação entre a ATR e outros fenômenos linguísticos conhecidos; além de mostrar em que residem os conteúdos expressos pela ATR.

Assim, apresentam-se cinco formulações de teste operacional, a saber:

---

<sup>96</sup> (1-1) O mecânico apertou os parafusos com as ferramentas apropriadas.

a) Um bom número de orações, quando se lhes antepõem expressões como “quanto a”, “por falar em”, sofrem uma cisão:

Pedro não veio.

Quanto a *Pedro* (tema), ele *não veio* (rema).

Quanto a *não ter vindo* (tema), isso ocorreu com *Pedro* (rema).

Uma observação: esse teste não funciona quando as expressões “quanto a”, “por falar em”, são seguidas por expressões com quantificadores:

Dois alunos vieram à aula.

\*Quanto a dois alunos, eles vieram à aula.

No mais, como se pode observar, a expressão que vem depois de “quanto a”, “por falar em” é o tema; e a expressão que vem na outra oração, o rema.

b) Contraste de oração:

Pedro não veio.

Pedro *não veio* (rema), ele ficou *em casa* (tema).

A expressão afetada pelo contraste é o rema, ao passo que a não afetada é o tema.

c) Transposição para o discurso indireto:

*Pedro* (tema) *não veio* (rema).

Falando de *Pedro* (tema), Maria disse que ele *não veio* (rema).

*Pedro* (rema) *não veio* (tema).

Falando em *não vir* (tema), Maria disse que esse foi o caso de *Pedro* (rema).

d) Identificação:

*Pedro* (rema) *não veio* (tema).

Aquele que *não veio*\_(tema) foi *Pedro* (rema).

*Pedro* (tema) *não veio* (rema).

O que houve com *Pedro* (tema) foi que ele *não veio* (rema).

e) TPN (teste de pergunta natural):

*Pedro* (tema) *não veio* (rema).

Pergunta: o que houve com *Pedro* (tema)?

Resposta: *não veio* (rema).

*Pedro* (rema) *não veio* (tema).

Pergunta: quem *não veio* (tema)?

Resposta: *Pedro* (rema).

Dessa forma, ao tema é atribuída a informação velha, ou seja, dentro de um dado contexto, tudo que for considerado como tema já deve ter sido mencionado antes. Por outro lado, ao rema é atribuída a informação nova, o que não fora mencionado anteriormente no discurso.

Segundo Ilari, a expressão associada ao rema está sempre coligada a algum tipo de proeminência entonacional. A essa proeminência o autor chama de foco e observa que a expressão em que o foco incide é obrigatoriamente parte do rema.

No mais, sentenças na ordem direta, ditas não marcadas<sup>97</sup>, são vistas como mais naturais, podendo o foco incidir em qualquer elemento até

---

<sup>97</sup> O que faz de uma frase marcada ou não marcada é o fato de que nesta há uma coincidência dos papéis de sujeito, agente e tema, ao passo que naquela não há essa coincidência. Nas frases,

I) "O mecânico apertou os parafusos com as ferramentas apropriadas".

e

II) "Com as ferramentas apropriadas, os parafusos foram apertados pelo mecânico".

Em I) há uma coincidência dos papéis de sujeito, agente e tema que incide no termo "o mecânico"; ao passo que em II) essa coincidência não existe, pois o tema é representado pelo termo "com as

o extremo de a sentença toda ser o rema – frase remática, sem tema –, isto é, toda a frase é uma informação nova.

#### 4. *Comparando*

Cabe-nos agora fazer uma breve comparação dos trabalhos de Pontes e Ilari. Iniciaremos pelas semelhanças e, em seguida, apresentaremos as diferenças.

Embora o trabalho de Rodolfo Ilari tenha tendido inicialmente para um foco em língua escrita, ele percebe que a possibilidade de estudo mais decisivo da articulação tema-rema seja o estudo entonacional da língua. Isso faz com que o seu trabalho apresente uma semelhança significativa com o de Eunice Pontes, pois ambos escolhem a língua oral para desenvolver suas pesquisas.

Além dessa semelhança significativa, ambos os autores percebem que a intenção do enunciador de uma dada sentença é marca registrada. Para Pontes, o que for topicalizado o é por pura intenção do enunciador em enfatizar sua mensagem. Não muito diferente, Ilari ressalta que, de acordo com a entonação e, portanto, intenção do enunciador, o rema ganha destaque na mensagem. Ambos – tópico, para Pontes e rema, para Ilari – são resultado da intenção de quem enuncia, levando para a esquerda da oração a mensagem principal e modelando a entonação da sentença, respectivamente, a fim de enfatizar seu propósito.

Outra semelhança relevante é o fato de tópico e tema ser uma mensagem velha, dada, que pode ser resgatada facilmente no discurso. Em contrapartida, comentário e rema são mensagens novas, mensagens essas que não podem ser resgatadas na conversa. Essa nomenclatura de tema [dado] e rema [novo] já foi supracitada no item 3.

No mais, na teoria usada por Ilari no subtópico “A Escola Linguística de Praga”, há poucas semelhanças ideológicas com a tese descrita por Pontes. Dado a complexidade do assunto, não aprofundaremos tal questão. (Cf. DELPECH, [s.d.], p. 5)

Por outro lado, há diferenças importantes nos trabalhos em questão. Primeiro, os testes aplicados por Ilari para identificar o tema e o re-

---

ferramentas apropriadas”, o sujeito pelo termo “os parafusos” e o agente pelo termo “pelo mecânico”. Portanto, I) é uma frase não marcada, e II) uma frase marcada.

ma nas sentenças em nada servem para esclarecer ou, ainda, justificar o sistema elaborado por Pontes.

Além disso, o tópico ocupa uma posição obrigatória em uma dada sentença – além de ele ser um SN (sintagma nominal), deve ser colocado no início da oração, seguido, forçosamente, pelo comentário – ao passo que nem o tema, nem o rema ocupam um lugar marcado na frase, tampouco são necessariamente um SN. Isso prova, pois, que a articulação tem-remática não está vinculada à questão estrutural como a estrutura tópicocomentário, mas à questão entonacional. No mais, Pontes põe a questão entonacional em segundo plano.

Por fim, basta um comentário: o trabalho de Ilari está mais preocupado com a norma padronizada do português do que o de Pontes. Ele demonstra isso em seus exemplos: há um respeito normativo quanto à concordância e à regência das palavras nas transcrições. Por outro lado, no *corpus* de Pontes observamos que se faz a transcrição dos exemplos orais sem que haja uma preocupação com a norma gramatical, fazendo com que termos topicalizados se tornem sintagmas nominais, ainda que estes sejam um objeto indireto, por exemplo.

## 5. *Considerações finais*

Fez-se neste trabalho um apontamento dos principais pontos pesquisados por Eunice Pontes e Rodolfo Ilari, levando em conta suas semelhanças e diferenças de abordagem.

Não há dúvida de que seus trabalhos são muito importantes para o estudo de língua materna no Brasil. É com o auxílio deles que trabalhos relevantes acerca de manifestações orais estão vindo à tona hoje. Combater toda uma tradição, cheia de preconceitos linguísticos, é trabalho muito árduo. Desde sempre, essa tradição gramatical tem desprezado fenômenos comuns da oralidade na nossa língua. Fechar os olhos para a pragmática, negar a existência da língua no discurso hoje, é um equívoco imperdoável que deve ser combatido. Professores de língua materna devem ficar atentos para o fato de que manifestações linguísticas como essas registradas pelos autores analisados aqui são inerentes à linguagem do discente e, portanto, devem ser trabalhadas e não discriminadas. Basta a leitura de redações dos alunos para vivenciar sistemas como os de tópicocomentário; ou ainda, reflexos da oralidade dos mesmos em seus textos: a entonação reflete diretamente na ênfase da mensagem, o que, pro-



vavelmente, resultará em uma topicalização que chamará a atenção do interlocutor do texto para a mensagem principal marcada à esquerda da sentença.

Dessa forma, fica aqui a pretensão em colaborar para reflexões acerca do assunto e do que tem acontecido nas salas de aula. Espera-se, portanto, que a língua falada, cotidiana dos alunos, seja respeitada já que representa a mais pura imagem da realidade linguística do homem.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

ILARI, Rodolfo. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Unicamp, 1992.

DELPECH, Alexandre Henrique. Uma comparação do tópico-comentário com a articulação tema-rema no português: uma visão formal, coloquial e estilística. *Revista Voz das Letras*. Concórdia – SC, Universidade do Contestado, número 9, I Semestre de 2008. Disponível em: <<http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/9/91.pdf>>